

PRÉ-HISTÓRIA DE UM CONCEITO

o mito de Europa

Leonardo Francisco Soares*
Universidade Federal de Uberlândia

A EUROPA jaz, posta nos cotovellos:
De Oriente a Occidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabellos
Olhos gregos, lembrando.

Fernando Pessoa. *Mensagem*

RESUMO

Este texto busca rastrear a origem da noção geográfica de Europa a partir de um olhar sobre o mito dentro da literatura antiga. Tal percurso salienta o caráter *inventado*, poroso e adaptável dessa noção “cartográfica”: o que se chama de Europa é menos um dado da natureza do que uma produção intelectual do homem, uma *geografia imaginativa*. Uma imagem acompanha este estudo, a de um touro branco que carrega em seu dorso, cercado pelas águas do oceano, agarrada aos seus cornos em forma de crescente, uma princesa chamada Europa.

PALAVRAS-CHAVE

Europa, mito, identidade, Tradição inventada

O que é a Europa? Há uma dimensão a ser extraída do significante “Europa”? Há uma história do continente para além do mito, para além do sonho? Antes de arriscar uma resposta – e sem ilusão em relação à mesma –, saliento que qualquer identidade europeia – seja mirada estrabicamente por mim, daqui, de um lugar levemente marginal, além e aquém das tradições centrais;¹ seja aquela encarada por um alemão oriental que em meados dos anos 1980 tentava chegar à Alemanha Ocidental através da fronteira entre a Áustria e a Hungria; seja sob o olhar do artista esloveno que se apresentava na praça Merrion Square, de Dublin, no dia 01 de maio de 2004 na comemoração pelo ingresso de dez países, inclusive a Eslovênia, na União Europeia; seja aquela pressuposta pelo cidadão francês que no dia 29 de maio de 2005 votou “não” ao projeto de Tratado Constitucional Europeu – não é nunca puro dado, mas sempre construção e invenção, figuradas pela mobilidade

* leo.francisco@hotmail.com

¹ PIGLIA. *Memoria y tradición*, p. 61: “(...) un ojo puesto en la inteligencia europea y el otro puesto en las entrañas de la patria”. Ver também: PIGLIA. *Una propuesta para el nuevo milenio*, p. 1-3.

dos olhares; sendo, ao mesmo tempo, ameaça de desconstrução e possibilidade de reinvenção. Afinal, retomando as palavras de Luis Alberto Brandão:

A identidade só é possível se leva em conta a alteridade que a atravessa e que, de certa forma, a constitui: por isso todas as tradições são inventadas, as famílias são excêntricas, as nações são comunidades imaginadas. A fronteira só se erige à medida que se desloca.²

Assim, não há história de um continente em si, uma vez que os contornos nas páginas do atlas escapam, ao longo dos anos, a quem os queira captar, definir, capturar, seja o geógrafo ou outro especialista das ciências humanas. Também, “desde o início, ou seja, já na Antiguidade, quando os continentes do Velho Mundo foram pela primeira vez batizados, estava claro que esses nomes pretendiam mais que um mero significado geográfico.”³ Mas o que vela e/ou desvela o mito, antes da “Europa”...

Europa, Europas: Europa, filha de Tício, teve de Posídon um filho chamado Eufemo. Este, um dos argonautas, recebe do deus Tritão um torrão de terra mágica. Em sonho, Eufemo vê o torrão transformar-se em uma donzela, filha de Tritão e Líbia. No dia seguinte, o argonauta joga o torrão ao mar e eis que, ante os olhos dos nautas, brota a ilha de Tera...⁴ Europa, uma das Oceânides, filha de Oceano e Tétis, e irmã de Ásia, Líbia e Trace.⁵ Europa, mãe de Níobe, que é a primeira mulher mortal – a “mãe primordial” –, é mulher de Foroneu, o primeiro homem, filho dos deus-rio Ínaco e da ninfa Mélia.⁶ Europa, filha de Nilo, é uma das mulheres de Dânaos, com quem este teve quatro de suas cinquenta filhas, as Danaides – Autómate, Amimone, Agave e Escea –, todas as Danaides desposariam os cinquenta filhos de Egito, irmão de Dânaos...⁷

Variações ao infinito, heroínas diversas sob o mesmo nome, traçando um complexo e difuso mosaico de Europas. Entretanto, a mais célebre de todas é a filha de Agenor e Telefaassa, que foi raptada por Zeus sob a forma de um touro.⁸ Assim é resumido o mito: Zeus viu Europa a brincar com suas companheiras na praia de Sídon ou de Tiro, reino

² BRANDÃO. *Grafias da identidade: literatura contemporânea e imaginário nacional*, p. 80-81.

³ HOBSBAWM. *A curiosa história da Europa*, p. 232.

⁴ Cf. GRIMAL. *Dicionário de mitologia grega e romana*, p. 156; p. 161; p. 456; SCHWAB. *As mais belas histórias da Antiguidade Clássica: os mitos da Grécia de Roma*, p. 38-43.

⁵ Cf. HESÍODO. *Teogonia*, vv. 337-370, p. 125; GRIMAL. *Dicionário de mitologia grega e romana*, p. 278; p. 455.

⁶ Cf. GRIMAL. *Dicionário de mitologia grega e romana*, p. 161; p. 331; VERNANT. *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*, p. 42.

⁷ Cf. GRIMAL. *Dicionário de mitologia grega e romana*, p. 110; p. 111; p. 161.

⁸ A proeminência do mito de Europa, filha de Agenor e Telefaassa, pode ser confirmada pelas inúmeras ocorrências do mesmo nos autores e obras antigas: Homero. *Ilíada*; Apolodoro. *Biblioteca*; Conon. *Narrações*; Baquílides. *Bacchylidis Carmina Fragmentis*; Heródoto. *Histórias*; Mosco. *Europa*; Platão. *Timeu*; Apolônio de Rodes. *Argonáuticas*; Diodoro da Sicília. *Biblioteca Histórica*; Ovídio. *Metamorfoses* e *Fastos*; Higino. *Fabulae* e *Astronomia Poética*; Teofrasto. *Caracteres*; Plínio, o velho. *História natural*; Horácio. *Odes*; Apuleio. *Metamorfoses*; Hesíodo. *Fragmenta Hesiodica*; Stephanus Byzantinus. *Étnica*; João Tzetzes. *Antehoméica* e *Historiarum uariarum chiliades*; Eratóstenes. *Catasteismoi*; Luciano. *Diálogos marinhos*. (Cf. GRIMAL. *Dicionário de mitologia grega romana*, p. XXIII e XXVI; p. LI e LII; p. 161; VELASCO. *Les mythes d' Eurôpe: réflexions sur l'eurocentrisme*, p. 123-132). Salientamos também o fato de o “raptado de Europa” ser um tema popular nas artes visuais do período clássico. (Cf. EUROPA I-II).

de seu pai, na Fenícia.⁹ Apaixonado pela beleza da jovem, o filho de Crono transformou-se em um touro branco com cornos semelhantes a duas luas em fase de quarto crescente e encaminhou-se para a praia onde brincava a princesa. Tendo de tal modo enganado a jovem, Zeus, metamorfoseado em touro, tomou-a sobre o seu dorso, atravessou o mar – “...enfim, nadando,/Leva a presa gentil, por entre as ondas”¹⁰ – até Creta, onde, após assumir a forma humana, uniu-se a ela. Por conseguinte, Europa teve três filhos de Zeus: Minos, Sarpédon e Radamante. Em troca, Europa recebeu, do deus, três presentes: Talo, o homem de bronze, que, a partir daí, terá a tarefa de guardar Creta, impedindo o desembarque de estrangeiros e as fugas clandestinas, transformando a ilha em uma espécie de fortaleza isolada do resto do mundo; Zeus entregou-lhe ainda um cão que nunca deixou escapar presa alguma; e também uma lança que jamais falhava o alvo. Depois, Europa casou-se com Astérion, rei de Creta. Após sua morte, ela recebeu honras divinas e o touro em que Zeus se metamorfoseara transformou-se em uma constelação, sendo colocado entre os signos do zodíaco.¹¹

Haveria alguma conexão entre o rapto da princesa fenícia e o nome do continente? Carregariam os presentes dados por Zeus, conforme afirmam alguns comentadores,¹² características identitárias da Europa e do Ocidente? Talo, o homem de bronze, representaria a técnica, o segredo da laboração dos metais; a lança infalível apontaria para o antagonismo com o Oriente;¹³ o cão capaz de agarrar qualquer presa, a capacidade grega de agarrar e transfigurar outras culturas. Outros associariam a posição geográfica ambígua do continente europeu – “a Europa é *uma península asiática*. A sua grande oportunidade geográfica consistiu em estar ligada à Ásia Ocidental pela comodíssima via de transmissão que foi o Mediterrâneo, de oeste a leste” (grifos meus)¹⁴ – à trajetória de Europa e, depois, ao percurso em vão percorrido pelos irmãos da jovem – Cadmo, Cílix, Fênix e Taso – em busca da irmã. Com o fracasso da busca cada um dos irmãos fixou-se em lugares diversos, fundando cidades: Cílix deteve-se na Cilícia, região de confim com a Fenícia, à qual deu o seu nome; Fênix ergueria a cidade de Sídón, na Fenícia; Taso deteve-se na ilha que leva o seu nome; quanto a Cadmo, um dos grandes heróis fundadores e civilizadores, estará relacionado às regiões da Trácia, Tebas e Ilíria.¹⁵

⁹ Em todas as versões do mito, Europa é “oriental” (fenícia), embora sua genealogia varie de autor a autor. Homero e Mosco, por exemplo, trazem Fênix como seu pai; Heródoto e Ovídio, por sua vez, indicam Agenor como o pai da heroína.

¹⁰ OVÍDIO. *Metamorfoses*, p. 68. (A tradução é do poeta português Bocage).

¹¹ Cf. GRIMAL. *Dicionário de mitologia grega e romana*, p. 161; OVÍDIO. *Metamorfoses*, Ovídio deve ser citado por versos! p. 67-68; 163-164; MOSCHOS. *Europé*, p. 144-151.

¹² Sobre algumas interpretações do mito relacionadas ao continente, ver: GRANATI. *Sul mito sul nome di Europa*.

¹³ Na tragédia *Os persas*, de Ésquilo, a lança é usada metonimicamente para designar os gregos, enquanto o arco representaria os persas (Cf. ÉSKUÍLO, *Os persas*, v. 62; v. 159-163, p. 26; 28-29) A partir daí, será comum a tematização da oposição entre a “lança” e o “arco”, designando os gregos e os persas. (Cf. HARTOG. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, p. 82).

¹⁴ GOUROU. *História e geografia*, p. 19.

¹⁵ Cf. GRIMAL. *Dicionário de mitologia grega e romana*, p. 15; p. 66-68; p. 168; p. 430; p. 432.

Na verdade, a origem do nome do continente é velada em mistério. O termo grego *Európe* não possui etimologia segura, apesar de várias conjecturas. Alguns traduzirão a palavra como “a de rosto largo” – o rosto de lua da princesa fenícia –, pressupondo que o nome se origina de um composto: *eurýs*, “largo, amplo”, e *ops* [acusativo singular *opa*], “rosto, face, aspecto”. Outros atribuirão ao termo, independente da heroína mítica, o epíteto do continente, o qual proviria do adjetivo *europós*, “largo, espaçoso, vasto”.¹⁶ Estudiosos que acreditam na relação entre o mito do rapto de Europa e o nome do continente indagam que o nome grego *Európe* derivaria do fenício, mais especificamente um radical semítico, *ereb*, com o qual se indicava a “terra do pôr do sol”, a “terra do anoitecer”, donde o grego *érebos*.¹⁷ Tal explicação conformaria a noção de Europa à noção de Ocidente, opondo-a ao Oriente, afinal, para dizer com Jorge Luis Borges, “o Oriente é o lugar em que sai o sol. Há uma bonita palavra alemã que quero lembrar: *Morgenland* – para o Oriente – ‘terra da manhã’. Para o Ocidente, *Abendland*, “terra da tarde”.¹⁸ Entretanto, nenhuma explicação parece satisfatória e a origem do nome permanece obscura.

Já no século V a.C., Heródoto observava que ele desconhecia a razão de a terra ser dividida em três partes – Ásia, Líbia [África] e Europa – e o porquê dessas três partes receberem nomes femininos:

IV, 45. Ninguém sabe claramente se, seja a leste, seja a norte, a Europa é cercada por água; mas sabe-se que ela se estende, em sentido longitudinal, ao longo das duas outras partes [Ásia e Líbia]. Eu não posso tampouco conjecturar em que ocasião a terra, sendo uma, recebeu três denominações distintas, tiradas de nomes de mulheres, nem por que o Nilo, no Egito, e o Fásis, na Cólquida, fixaram os seus limites (ao Fásis, alguns substituem o Tanais, rio da Meótida, e o estreito Cimério). Não posso saber o nome daqueles que traçaram tais limites nem de onde tiraram essas denominações.¹⁹

Apesar de afirmar a sua impossibilidade de saber e de conjecturar, Heródoto aponta algumas hipóteses. A região da Líbia carregaria o nome de uma mulher da região de mesmo nome, enquanto a Ásia tomaria seu nome da esposa²⁰ de Prometeu. Contudo, ainda nas palavras de Heródoto, os lídios reclamam este último nome: “a Ásia [eles dizem] é assim chamada, não por causa da Ásia, mulher de Prometeu, mas de Asius, filho de Cotys, filho

¹⁶ Cf. EUROPA. In: BRANDÃO. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*, p. 415-417; PEREIRA. *Dicionário grego-português e português-grego*, p. 244-245.

¹⁷ Cf. BOER. *Europe to 1914: the making of an idea*, p. 15; GRANATI. *Sul mito e sul nome de Europa*, p. 3.

¹⁸ Tradução minha para: “El Oriente es el lugar en que sale el sol. Hay una hermosa palabra alemana que quiero recordar: *Morgenland* – para el Oriente–, ‘tierra de la mañana’. Para el Occidente, *Abendland*, ‘tierra de la tarde’.” (BORGES. *Siete noches*, p. 235).

¹⁹ Tradução minha para: “IV45. Quant à l’Europe, personne ne sait clairement si, vers le Levant et le Nord, elle est entourée par de l’eau; mais on sait que, dans le sens de la longueur, elle s’étend tout le long des deux autres parties. Je ne puis pas non plus m’expliquer à quelle occasion la terra, étant une, a reçu trois dénominations distinctes, tirées de noms de femmes, et ont été fixés entre ses parties comme lignes de démarcation le Nil, fleuve d’Égypte, et le Phasé de Colchide (d’autres disent le Tanais, fleuve du pays de Maiotes, et les détroits Cimmériens); pas davantage, savoir les noms de ceux qui tracèrent ces démarcations, ni d’où ils ont tiré les dénominations des parties.” (HÉRODOTE. *Histoires*, IV, 45, p. 74-75).

²⁰ Embora seja considerada por Heródoto esposa de Prometeu, Ásia é muitas vezes apontada como sua mãe. (Cf. GRIMAL. *Dicionário de mitologia grega e romana*, p. 50; 452).

de Manès (...)” (tradução minha).²¹ Quanto a Europa, Heródoto reafirma a impossibilidade de se saber de onde veio e quem deu esse nome ao continente, e continua:

A menos que admitamos que a região recebeu o nome da tireense Europa (...). Mas está claro que esta jovem era originária da Ásia e jamais chegou à região que os Gregos hoje chamam de Europa; suas viagens se limitaram a passar da Fenícia a Creta e de Creta à Lícia. (tradução minha).²²

Não obstante a objeção de Heródoto a respeito da origem, vinda da Ásia, e do percurso, do Oriente ao Ocidente, da fenícia Europa, o nome geográfico será constantemente relacionado com a princesa, filha de Agenor, raptada em Tiro. O próprio Heródoto, no início de suas *Histórias*, retoma a figura de Europa, só que nas palavras dos “persas que falam ‘grego’”,²³ para tratar do antagonismo entre os helenos e os bárbaros, isto é, para começar a construir uma identidade grega – ocidental e europeia – a partir da constituição de um Outro; afinal: “as identidades se definem não apenas pelo que você defende e com quem você está, mas principalmente por quem ou o que você é contra, ou que você acha que é contra você”.²⁴ Logo na famosa abertura das *Histórias*, encontra-se esse binômio gregos e bárbaros, gregos e não gregos, “os quais não se definem senão enquanto se opõem”.²⁵ Aos poucos, a figura anônima do bárbaro territorializa-se, na Ásia, e ganha um rosto, o persa.²⁶ Em seguida, Heródoto²⁷ “cede” a palavra aos sábios persas que falam grego. Estes retomam um repertório famoso de mitos gregos, todos girando em torno de figuras femininas – Io, Europa, Medéia e Helena –, desmistificando-os, quiçá racionalizando-os, com o intuito de tecer uma ordem contínua das hostilidades entre bárbaros e gregos:

I, 1. Dentre os persas, os sábios afirmam que foram os fenícios a causa do diferendo. Eles dizem que depois de vir do mar chamado Vermelho para este mar e passando a habitar a região que ainda hoje habitam, logo dedicaram-se a grandes navegações e, transportando cargas egípcias e assírias, abordaram em diversas regiões, entre outras Argos. (...) No quinto ou sexto dia após sua chegada, depois de quase tudo já tendo sido vendido, um grupo de numerosas mulheres foram à beira do mar – entre elas a filha do rei. O seu nome era, conforme o que dizem também os gregos, Io, filha de Ínaco. Chegando junto à proa do navio, elas compravam da carga, o que mais desejavam; então os fenícios, encorajando-se mutuamente, precipitaram-se sobre elas. A maior parte das mulheres escapou, mas Io, com outras, foi raptada. Os fenícios, embarcando no navio, foram embora, navegando para o Egito.

²¹ “ce n’ est pas d’ après l’ Asie de Prométhée que l’ Asie est ainsi appelée Asie, mais d’ après Asiès fils de Cotys fils de Manès (...)”. (HÉRODOTE. *Histoires*, IV, 45, p.75).

²² Tradução minha para: “(...) à moins de dire que le pays reçut ce nom de la Tyrienne Europé (...). Mais il est certain que cette Europé était originaire d’Asie, et qu’elle n’est vint jamais dans ce pays que les Grecs appellent présentement Europe; elle vint seulement de Phénicie en Crète, et de Crète alla en Lycie ses voyages se sont bornés à passer de Phénicie en Crète et de Crète en Lycie. (...)” (HÉRODOTE. *Histoires*, IV, 45, p. 75).

²³ HARTOG. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, p. 20.

²⁴ ASH. Um projeto chamado Europa, p. 8.

²⁵ HARTOG. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*, p. 93.

²⁶ Cf. HARTOG. *A história de Homero a Santo Agostinho*, p. 53; HARTOG. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*, p. 93-102.

²⁷ Cf. HÉRODOTE. *Histoires*, I, 1-5, p. 13-15.

2. Assim, dizem os persas, não como afirmam os gregos, Io chegou ao Egito – e este foi o primeiro incidente que dá início à série de injustiças. Depois disso, dizem eles, alguns gregos (pois não sabem precisar seus nomes), atracando na Fenícia, em Tiro, raptaram a filha do rei, Europa. Poderiam ser cretenses. A partir desse momento, ficou tudo igual. (...).²⁸

O relato continua com o rapto em Ea, na Cólquida, de Medéia, filha do rei, para terminar com o rapto de Helena por Alexandre, filho de Príamo, fechando a série de raptos mútuos e dando início à oposição e diferenciação entre gregos e persas: “a partir de então, [os persas] também pensavam que o que é grego é seu inimigo. Os persas, com efeito, consideravam como seus a Ásia e os povos bárbaros que a habitam; e eles tomam a Europa e o que é grego como algo distinto.”²⁹

Nessas “versões dos persas”, Io deixa de ser a filha formosa do deus-río Ínaco, amada por Zeus, que, para protegê-la da vingança da ciumenta Hera, transformou-a em uma novilha;³⁰ Europa não mais é raptada por Zeus sob a forma de um touro; Medéia é a filha do rei da Cólquida mas, em absoluto, o protótipo da feiticeira. Isso ocorre porque, segundo François Hartog,

nesta versão “persa” – racionalizante, evemerista *avant la lettre*, senão irônica – as grandes narrativas transformam-se em pequenas histórias. Contadas assim, inscrevem-se numa cronologia (a sucessão dos raptos) e numa geografia (a Ásia em face da Europa), vindo a constituir, para dizer tudo, uma série que tem valor justamente enquanto etiologia das Guerras Médicas, as quais aparecem mais como um novo episódio de um ciclo principiado há muito tempo, do que como um desfecho ou um começo.³¹

As grandes narrativas míticas são, portanto, transformadas em pequenos relatos, despidos de seu caráter “fabuloso”, para vestir a ordem e a continuidade do “discurso histórico” de Heródoto, ao qual, porquanto denota um mirada grega do Outro – “espelho em negativo”³² –, deve-se ler, sempre, com bastante cuidado.

²⁸ Tradução minha para: “I, 1. Chez les Perses, les doctes prétendent que les Phéniciens furent cause du différend. Ils disent qu’ après être venus de la qu’ on appelle Érythrée sur les bord de celle-ci et avoir établi leur demeure dans le territoire qu’ ils habitent encore aujourd’ hui, les Phéniciens entreprirent aussitôt de longues navigations et, transportant des marchandises d’ Egypte et d’ Assyrie, se rendirent en diverses contrées, entre autres Argos [...] le cinquième ou sixième jour à compter de leur arrivée, alors qu’ ils avaiement presque tout vendu, une troupe nombreuse de femmes vint au bord de la mer, parmi elles la fille du roi; qu’ elle avait nom, comme disent aussi les Grecs, Io fille d’ Inachos; que, tandis que ces femmes se tenaient près de la poupe du navire et faisaient emplette des marchandise dont l’ achat leur agréait le mieux, les Phéniciens, s’ étant encouragés les uns les autres, se précipitèrent sur elles; que la plupart des femmes prirent la fuite; mais qu’ Io et d’ autres furent ravies; e que les Phéniciens, les ayant embarquées sur leur vaisseau, partirent en cinglant vers l’ Egypte. 2. C’ est ainsi, disent les perse, et non pas comme prétendent les Grecs, qu’ Io vint en Égypte; e ce fut là le premier incident qui commença la série des torts. Plus tard, disent-ils, certains Grecs ils ne peuvent pas préciser leur nom, – abordèrent en Phénicie, à Tyr, et ravirent la fille du roi, Europe; ce pouvaient être des Crétois. A ce moment, on était à égalité.” (HÉRODOTE. *Histoires*, I, 1-2, p.13-14).

²⁹ Tradução minha para: “Aussi, depuis lors, ont-ils toujours pensé que ce Qui était grec leur était ennemi. Les Perses, en effet, considèrent comme à eux l’ Asie et les peuples barbares qui l’ habitent; et ils itennent l’ Europe et le monde grec pour un pays à part.” (HÉRODOTE. *Histoires*, I, 4, p. 15).

³⁰ Cf. GRIMAL. *Dicionário de mitologia grega e romana*, p. 251; OVÍDIO. *Metamorfoses*, p. 55-61; SCHWAB. *As mais belas histórias da Antigüidade*: os mitos da Grécia e Roma, p. 38-43.

³¹ HARTOG. *O espelho de Heródoto*: ensaio sobre a representação do outro, p. 21.

³² HARTOG. *O espelho de Heródoto*: ensaio sobre a representação do outro, p. 37-39.

O rapto de Europa na “versão persa” aparece como a vingança do Ocidente ao rapto de Io. Ela é fenícia, asiática, mas estabelece-se em Creta, no Ocidente, um lugar outro, diverso e distante. Como se pode perceber, mesmo transformado, tem-se aqui o mito de Europa relacionado à questão da identidade, da alteridade, das fronteiras e das guerras.

Da experiência da guerra e da vitória contra os Persas, constrói-se uma consciência precisa da oposição entre o *Nós*, marcado pelo nome próprio *Helenos*, e os *Outros*, designados genericamente como *bárbaros* – aqueles que não podem falar uma língua “genuína” mas apenas proferirem ruídos incompreensíveis para o *Nós*.³³ Começa, também, a delinear-se uma conotação política e ideológica da noção de Europa em oposição à Ásia. Tal estado de coisas é representado de forma bastante significativa na tragédia *Os persas* (472 a.C.), de Ésquilo. Sempre lembrada como a única tragédia conservada a trazer um acontecimento praticamente contemporâneo à sua apresentação,³⁴ *Os persas* têm como tema a desastrosa tentativa de invasão da Grécia, comandada pelo rei Xerxes, quando as forças navais persas foram aniquiladas pelos gregos em Salamina.³⁵ A peça transcorre em Susa, capital do império persa, e todas as suas personagens são dessa região, que, assim como as de Heródoto, “falam grego”.³⁶ Da boca dessas personagens tem-se desenhada a oposição entre uma Grécia forte – “a fina ponta férrea da lança” –, afeita à liberdade e à democracia no interior da *polis* – a *medida* –, em contraposição à Pérsia fraca – “o arco tenso” –, afeita ao despotismo – a *hýbris*. Tal assimetria é figurada de forma evidente na fala da rainha Atossa, mãe de Xerxes e esposa de Dario, ao descrever um sonho que teve na noite anterior:

Em pleno sono pareceu-me distinguir
duas mulheres de feições muito agradáveis;
uma delas vestia-se à maneira persa
e a outra usava trajas obviamente dórios;
ambas eram mais altas que as mulheres de hoje,
e diferiam destas tanto pelo porte
como pela beleza sem qualquer defeito.
Eram irmãs do mesmo sangue mas moravam
em pátrias afastadas, uma lá na Grécia,
que lhe coube por sorte, e a outra em terra bárbara.

³³ Cf. HOBBSAWM. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*, p. 68-69.

³⁴ Antes de *Os persas*, *A tomada de Mileto* (493 a.C.) e *As fenícias* (476 a.C.), ambas de Frínico, tomavam a Guerras Médicas como assunto. Entretanto, dessas duas tragédias restam apenas fragmentos. (HARTOG. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, p. 337)

³⁵ No que tange à contemporaneidade dessa tragédia, cabe enfatizar que *Os Persas*, de Ésquilo (525-456 a.C.), foi encenada pela primeira vez em 472 a.C., portanto oito anos após a batalha de Salamina que ocorreu em 480 a.C., na qual seu autor tomou parte. Sobre a “recepção” de *Os persas* no teatro de Atenas, por ocasião da representação de 472 e a respeito da estreita e complexa relação entre o gênero trágico e a cidade grega, ver: LORAU. *A tragédia grega e o humano*, p. 17-34.

³⁶ O que se tem tanto em Heródoto quanto em Ésquilo são representações do Oriente através da figura dos persas. É preciso enfatizar a evidência de tais “representações como *representações*, e não como descrições ‘naturais’ do Oriente. Essa evidência pode ser encontrada, com exatidão a mesma proeminência, no chamado texto verdadeiro (histórias, análises filológicas, tratados políticos) como no texto abertamente artístico (claramente imaginativo).” (SAID. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, p. 32).

A mim me pareceu que as duas discutiam;
meu filho, percebendo o fato, quis contê-las,
tentando pôr arreios no pescoço delas.
Uma envaidecia-se desses petrechos
e oferecia a boca docilmente ao freio,
enquanto a outra debatia-se e afinal
despedaçava com ambas as mãos o arreio
com que Xerxes queria atrelá-la ao carro,
tirando-o de si com toda a sua força;
pouco tempo depois ela rompeu a brida,
partindo finalmente o jugo em dois pedaços.³⁷

A oposição Europa e Ásia é representada pela figuração de duas mulheres,³⁸ irmãs e inimigas; uma, “fraca e propensa ao jugo”, a outra, “forte e afeita à liberdade.” Nessa “geografia imaginativa,” para dizer com Edward Said, a “Europa é poderosa e articulada; a Ásia está derrotada e distante. Ésquilo *representa* a Ásia, faz com que ela fale na pessoa da idosa rainha persa, mãe de Xerxes. É a Europa que articula o Oriente.”³⁹ Desse momento em diante, os autores gregos começam a relacionar as noções geográficas Europa e Ásia com diferenças de linguagem, costumes e, principalmente, com a distinção entre formas de governar; tal oposição “irá se sobrepor quase que exatamente ao binômio grego/ bárbaro”.⁴⁰

Na elaboração do mito de Europa feita pelo poeta bucólico Mosco, mais ou menos no século II a.C., tem-se a princesa fenícia definitivamente figurada como personificação do continente. Para tanto, o poeta lançará mão de artifícios que dialogam com as “imagens” de Ésquilo e Heródoto, inserindo o seu poema nessa série de construções germinativas da identidade europeia. Na bela descrição de Mosco, Europa, antes de ser raptada, também tem um sonho premonitório,⁴¹ desta vez inspirado por Afrodite. Nesse sonho, a princesa é disputada por duas partes do mundo, que lhe aparecem sob o aspecto de duas mulheres, uma com os traços das mulheres da região, a outra com os traços de estrangeira: “a terra da Ásia e a terra defronte” (tradução minha).⁴² A primeira quer protegê-la e mantê-la como

³⁷ ÉSQUILO. *Os persas*, vv. 212-232, p. 30-31.

³⁸ Apesar do pouco que restou das representações iconográficas e cartográficas dos continentes na Antiguidade Clássica, é significativo que um relevo em mármore da época do império romano (século II d.C.) – considerado a mais antiga representação do continente europeu; a única incontestável — apresente a Europa e a Ásia como figuras femininas postadas em lados opostos de uma espécie de troféu sobre o qual a Batalha de Arbela (vencida por Alexandre sobre o rei persa Dario III, em 331 a.C.) é representada. (Cf. EUROPA I-II. In: *LEXICON ICONOGRAPHICUM MYTHOLOGIAE CLASSICAE*, IV, V.1, p.92; BOER. *Europa to 1914: the making of an idea*, p. 49).

³⁹ SAID. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, p. 67. (grifos do autor)

⁴⁰ HARTOG. *Memória de Ulisses*, p. 96.

⁴¹ A respeito da papel do sonho na cultura grega, é significativo o diálogo entre Odisseu, disfarçado de Étone, e Penélope no final do canto XIX, da *Odisséia*, no qual temos apresentada a diferença entre duas espécies de sonhos: os falazes, de aparência enganosa, e os verdadeiros, que anunciam coisas futuras. (Cf. HOMERO. *Odisséia*, XIX, vv. 535-569).

⁴² Tradução minha para: “(...) la terre d’Asie et la terre d’en face” (MOSCHOS. *Europé*, p. 144). Chama a atenção o fato de a terra que se opõe à Ásia não ser nomeada, afinal seu nome será o mesmo da jovem fenícia.

sua, já a segunda quer, por vontade de Zeus, tomá-la. A estrangeira, no caso a “grega”, graças a sua força, parece levar a melhor.

Na manhã seguinte, a jovem Europa se junta às companheiras para passear e colher flores num prado florido à beira do oceano. Aqui, o que chama a atenção na construção de Mosco é um detalhe, que, assim como a narração do sonho trazida no início, funciona como prenúncio do episódio principal. Europa carrega uma corbelha (cesta) de ouro, admiravelmente trabalhada por Hefesto e dada de presente a Líbia, avó de Europa, quando do seu casamento com Posídon. Líbia a teria dado a Telefaassa e esta presenteado a filha Europa. É bastante expressiva a descrição da corbelha, na verdade uma éfrase, comum na literatura clássica, que faz lembrar a descrição das armas de Áquiles, também talhadas pelo deus Hefesto, no canto XVII da *Iliada*.⁴³ Na corbelha,⁴⁴ descrita em detalhes minuciosos de vigor iconográfico, tem-se esculpida toda a trajetória de Io, a filha de Ínaco, em sua metamorfose em novilha, que foge da perseguição de Hera, até recuperar novamente a forma humana:

O objeto era adornado com muitas obras de vivo brilho de ourivesaria. Ele trazia, em ouro, Io, filha de Ínaco, na época em que ela ainda era bezerra e não tinha forma humana; (...) o mar era feito de metal cerúleo. Ao alto, dois homens mantêm-se de pé sobre o escarpamento da margem, estreitam um contra o outro; eles olham a vaca que atravessa o mar. Também Zeus, filho de Cronos, aparece, tocando docemente a mão da bezerra, filha de Ínaco, que, à beira do Nilo às sete embocaduras, de vaca cornuda, de novo, é transformada em mulher; o curso do Nilo é de prata; a vaca, de bronze; quanto a Zeus, é feito em ouro (...) ⁴⁵

Novamente, são as terras figuradas na forma de mulheres em disputa e as séries de raptos de figuras femininas que aparecem para delinear uma ordem e uma continuidade na construção da identidade, da fronteira, da alteridade: a cesura entre o eu e o outro, os gregos e os bárbaros, o Ocidente e o Oriente. Mas sempre foi assim. O percurso pelos mitos de Europa desenha um mosaico de versões que, com sua herança de palavras, mentalidades e condutas que “foram inventadas ou carregadas de sentido para sustentar ideologicamente a preeminência dos gregos sobre os vizinhos,”⁴⁶ provocam uma reflexão a respeito da construção da identidade europeia ao longo dos séculos: a busca do outro

⁴³ HOMERO. *Iliada*, XVIII, vv. 483-608, p. 425-429.

⁴⁴ Na versão do mito, escrita na Alemanha, na primeira metade do século XIX, costurada a partir de diversas fontes e colorida de tons românticos, Gustav Schwab converte a Corbelha em um vestido bordado com fios de ouro, também obra do deus do fogo Hefesto; um ornamento nupcial encomendado a Hefesto por Posídon para presentear Líbia. (Cf. SCHWAB. *As mais belas histórias da Antigüidade*, p. 39).

⁴⁵ Tradução minha para: “L’objet était orné de beaucoup d’ouvrages d’orfèvrerie brillant d’un vif éclat. Il y avait, en or, Io, fille d’Inachos, dans le temps qu’elle était encore génisse et qu’elle n’avait pas forme de femme; (...) la mer était faite de métal azuré. Haut placés, deux hommes se tenaient debout sur l’escarpement du rivage, serrés l’un contre l’autre ; ils regardaient la vache qui traversait la mer. Il y avait aussi Zeus fils de Cronos effleurant doucement de la main la génisse fille d’Inachos, qu’auprès du Nil aux sept bouches, de vache cornue, de nouveau il transforma en femme ; le cours du Nil était d’argent ; la vache, de bronze ; quant à Zeus, il était fait en or. (...)” (MOSCHOS. *Europé*, p. 145-146).

⁴⁶ Tradução minha para: “(...) furent inventées ou chargées de sens pour soutenir idéologiquement la prééminence des grecs sur leurs voisins (...)” (VELASCO. *Les mythes d’Eurôpe*: réflexions sur l’Eurocentrisme, p. 128).

enquanto um espelho distorcido do eu. Por outro lado, a maior parte das Europas míticas – talvez a única exceção seja a mãe de Níobe e mulher de Foroneu – era oriental, sendo que a principal delas era fenícia, o que apontaria para uma construção da identidade pela ordem da simbiose e do sincretismo, mas não pelas vias da diferenciação e da negação:

Seria igualmente lógico considerar toda a civilização mediterrânea da Antigüidade clássica como sincrética. Afinal, ela importou seu roteiro e, mais tarde, sua ideologia imperial e religião estatal, do Oriente Próximo e Médio.⁴⁷

As “Europas orientais” traduzidas pela “linguagem do mito” transmitiriam exatamente as memórias de uma época de imbricamento das culturas meridionais e orientais; uma época em que as identidades moldadas através da interação ainda não tinham sido engolfados pelo “Helenocentrismo.”⁴⁸ Essa estratégia, baseada na construção de um Outro claro e presente em sua desigualdade para preservação de um Eu forte e positivo, foi legada aos “europeus”, que, em sua expansão imperialista e colonialista, miraram-se no espelho dos gregos e de seus sucessores, os romanos, para extrair um sistema de valores, imagens e representações – diga-se de passagem, alicerçados e modelados –,⁴⁹ que permitiram sustentar sua superioridade em escala mundial, do Renascimento ao início do Século XX.



R É S U M É

Ce texte a le but de rechercher l'origine de la notion géographique d'Europe à travers un regard sur le mythe dans la littérature ancienne. Le parcours ici proposé met en relief le caractère inventé, poreux et adaptable de cette notion cartographique: Ce qu'on appelle Europe est moins naturel et plus une production intellectuelle de l'homme, comme une géographie imaginative. Une image accompagne cette étude, celle d'un taureau blanc, entouré par les eaux de l'océan, qui a dans son dos, prise dans ses cornes avec la forme croissante, une princesse surnommée Europe.

M O T S - C L É S

Europe, mythe, identité, tradition inventé

⁴⁷ HOBBSAWM. *A curiosa história da Europa*, p. 234.

⁴⁸ Cf. VELASCO. *Les mythes d'Eurôpe: réflexions sur l'Eurocentrisme*, p. 128-129. É preciso não confundir a idéia de “helenocentrismo” com a noção de helenismo. Sobre a especificidade da noção de helenismo, ver: NAGY. *Greek mythology and poetics*, p.1-5.

⁴⁹ Cf. SAID. *Cultura e imperialismo*, p. 46-47.

REFERÊNCIAS

- ASH, Timothy Garton. Um projeto chamado Europa. Trad. Luiz Roberto Mendes Gonçalves. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 jan. 2002. Caderno Mais, p. 8-9
- BOER, P. den. Europe to 1914: The Making of an Idea. In: WILSON, Kevin; DUSSEN, Jan Van der. *The history of the idea of Europe*. Heerlen; London: Open Universiteit; Routledge, 1996. p. 13-81
- BORGES, Jorge Luis. Siete noches. In: _____. *Obras completas*. Barcelona: María Kodama y Emecê Editores, 1989. v. 2, p. 206-286.
- BRANDÃO, Luis Alberto. *Grafias da identidade: literatura contemporânea e imaginário nacional*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Lamparina; Fale (UFMG), 2005. 200 p.
- ÉSQUILO. *Os persas*. In: ÉSQUILO; SÓFOCLES; EURÍPIDES. *Os persas; Electra; Hécuba*. 5. ed. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (A tragédia grega, v.4).p. 25-73.
- EUROPA. In: BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. 2. ed. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 1993. v. 1. p. 415-417.
- EUROPA. In: LEXICON ICONOGRAPHICUM MYTHOLOGIAE CLASSICAE. Zurich und München: Artemis Verlag, 1988. Volo IV, v. 1, p. 76-92; v. 2, p. 32-48
- GOUROU, Pierre. História e geografia. In: BRAUDEL, Fernand (Dir.). *A europa*. Trad. Ana Paula Faria. Lisboa: Terramar, 1996, p. 5-24. (Coleção da Europa).
- GRANATI, Maria Teresa. Sul mito sul nome di Europa. *Vulgo.net*. -multilingual europe(a)n revue, Napoli, p.1-5. Disponível em: <<http://vulgo.net/index.php?option=comcontent&task=view&id=160&Itemid=0>>. Acesso em: 08 fev. 2005.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 3. ed. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 556 p.
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 481 p. (Coleção Humanitas).
- HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. 273 p. (Coleção Humanitas).
- HARTOG, François (Org.). *A história de Homero a Santo Agostinho: prefácios de historiadores e textos sobre história reunidos e comentados por François Hartog*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. 288 p. (Coleção Humanitas).
- HÉRODOTE. *Histoires Livre I (Clio)*. 3. ed. Texte établi et traduit: Ph.-E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1956. (Collection des Universités de France).
- HÉRODOTE. *Histoires Livre IV (Melpomène)*. Texte établi et traduit: Ph.-E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1949. (Collection des Universités de France).
- HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2001. 166 p. (Biblioteca Pólen)
- HOBSBAWM, Eric J. A curiosa história da Europa. In: _____. *Sobre história: ensaios*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 232-242.
- HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Trad. Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 230 p.

- HOMERO, *Iliada* (em versos). Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. 572 p.
- HOMERO. *Odisséia* (em versos). Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997. 431 p.
- LORAUX, Nicole. A tragédia grega e o humano. Trad. Maria Lúcia Machado. In: NOVAES, Adauto. *Ética*. São Paulo: Companhia de Letras, 1992. p. 17-34.
- MOSCHOS. Europé. In: PSEUDO-THÉOCRITE. MOSCHOS. BION. DIVERS. *Bucoliques grecs. Tome II, Texte établi et traduit: Ph.- E. Legrand*. Paris: Les Belles Lettres, 1953. p.144-151. (Collection des Universités de France).
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad. Bocage. São Paulo: Hedra, 2000. 223 p.
- PEREIRA, Isidro. *Dicionário grego-português e português-grego*. Braga: Livraria A. I. Braga, 1998. 1054 p.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. In: _____. *Obra poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006. p. 70-89. (Biblioteca luso-brasileira; Série Portuguesa).
- PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradicion. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 2, 1990, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte:UFMG, v. 1, 1990. p. 60-66.
- PIGLIA, Ricardo. Una propuesta para el nuevo milenio. *Margens/Margenes: caderno de cultura*, Belo Horizonte/Mar del Plata, n. 2, p. 1-3, out. 2001.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 370 p.
- SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 459 p.
- SCHWAB, Gustav. *As mais belas histórias da Antiguidade Clássica: os mitos da Grécia e de Roma*. Trad. Luís Krausz. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. v. 1. 355 p.
- VELASCO, Francisco Diez de. Les mythes d'Europè: reflexions sur l'Eurocentrisme. *Metis*, Paris XI, p. 123-132, 1996.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. 2. ed. Trad. Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. 504 p.